JORNAL DO BRASIL 06 DEZ 2007

BATALHA ■ Planalto luta para conseguir os 49 votos pela

Governo

CPMF ao passo que espera do PMDB um nome de consenso para a presidência do Senado

com duplo desafio

Leandro Mazzini

■ BRASÍLIA. Dono da vaga da presidência do Senado por força da tradição na Casa, o PMDB, maior bancada e ainda dividido, adiou para terça-feira da próxima semana o anúncio do sucessor de Renan Calheiros (AL) que renunciou ao cargo. A manobra tem dois objetivos. Evitar que a sucessão atropele a votação da CPMF, que irá à plenário em primeiro turno também na mesma terça. E ganhar tempo para levar os quatro nomes que surgiram como candidatos aos líderes da oposição a fim de obter um consenso.

– Há vários cardeais lançados. O que falta é inspiração divina – brincou o líder do governo no Senado, Romero Jucá (PMDB-RR). – O governo não vai ter ingerência nisso.

Em reunião realizada com a bancada ontem no Senado, em que apareceram 19 dos 20 senadores – só Renan faltou, quatro peemedebistas se lançaram. Garibaldi Alves (RN), Leomar Quintanilha (TO), Neuto de Conto (SC) e Valter Pereira (MS). Ainda não há consenso. Todos eles foram considerados bons nomes pelos pares, mas quem surge como favorito é o único que pediu votos sob os holofotes: o potiguar Garibaldi Alves. Pesa a seu favor, ainda, o apoio do DEM e do PSDB. Garibaldi foi praticamente lançado pelo líder tucano, Arthur Virgílio. E é aliado local de Agripino Maia em Natal, o líder do DEM no Senado. E, além disso, tem o apoio do presidente do PMDB, Michel Temer.

– Pelo fato de eu ser um candidato, é natural que eu me abstenha de votar nessa escolha. Mas se eu não tivesse adversário, seria ótimo – disse um animado Garibaldi.

O que o Planalto menos quer é uma disputa em plenário se não houver um nome de consenso. Seria um desgaste. E quem aposta nisso é o tucano Virgílio. Lembrou que o governo terá de conseguir 49 votos para aprovar a CPMF e, depois, pelo menos 41 para eleger um presidente da Casa aliado do Planalto. Cotado como o preferido do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o ex presidente José Sarney (AP) saiu antes de a reunião acabar.

– Não sou candidato em hipótese alguma – disse a jornalistas.

A insistência da bancada continua. O líder do PMDB no Senado, Valdir Raupp (RO), trabalha nos bastidores por Sarney. Procurou ontem à tarde o líder do PSDB para incitar um debate. Hoje pela manhã voltam a se encontrar. Mas, oficialmente, Raupp desconversa.

– Estou levando a ele os quatro nomes. E ainda não me deu resposta. É importante que não haja disputas para evitar crise –, disse Raupp.

O PSDB veta Sarney, ficou claro na voz de Virgílio, há alguns dias, e ontem, quando o líder foi referendado pelo presidente do PSDB, o senador Sérgio Guerra:

– Melhor escolherem um presidente que possa nos ouvir, e que não leve o Senado a outra crise.

Sarney só aceita o cargo se houver consenso dentro do partido e na oposição, o que aos olhos dos pares está cada vez mais difícil. Daí Garibaldi surgir como opção mais palatável. Ontem, o senador admitiu que deve ser critério no partido o "currículo" dos colegas. Ou seja, tem mais chances quem não tem problemas com a Justiça e que, futuramente, não deixe o PMDB na linha de tiro da oposição. Considerou-se um nome livre de pendências do tipo.

Quintanilha é outro nome fora do jogo, depois do que ocorreu ontem. Presidente do Conselho de Ética e aliado de Renan, Quintanilha anunciou o arquivamento do quarto e do quinto processos contra o alagoano, representados pelo PSOL e pelo PSDB e DEM, respectivamente. Um deles pela suspeita de "caixinha" em ministérios comandados pelo PMDB. A outra acusação era a de espionagem de Renan contra os adversários Demóstenes Torres (GO) e Marconi Perillo (GO).

– Arquivar processo não é crime. Mas se vier o Quintanilha, com todo respeito a ele, eu me lanço candidato – avisou Arthur Virgílio.

■ Leia mais no **Informe JB**, pág. **A4**

MOREIRA MARIZ/AGÊNCIA SENADO

Garibaldi evita comemorar favoritismo, mas tem apoio de Temer